

INVICTA • CINE

semanario ILUSTRADO

DE

cinematografia



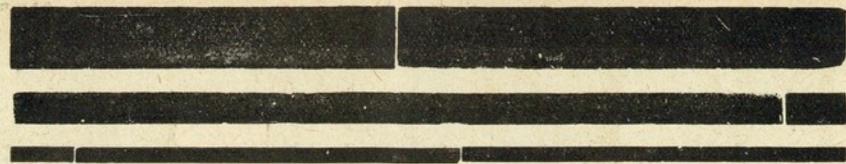
nº
136

preço

50

centavo

LOSTA

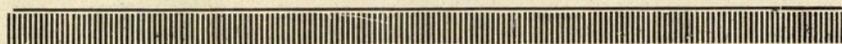


Hoje e amanhã

exibe-se

no

Jardim Passos Manuel

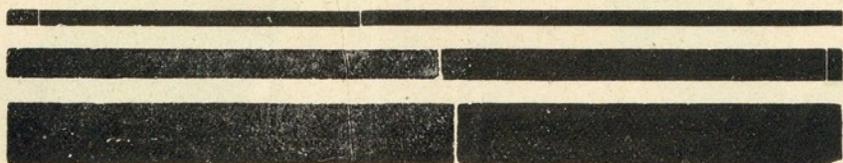


o grandioso filme lírico

O Rei Vagabundo

ninguém deixe de
ir ouvir a voz ma-
ravilhosa de

DENNIS KING





O Vínculo

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 136

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

PORTO

ALVES COSTA

12 DE SETEMBRO
1931

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal)

As nossas artistas não são populares

Na sexta-feira da semana passada, o rápido de Lisboa, da manhã, trouxe consigo, completamente incognita, uma das nossas mais interessantes e simpáticas «estrelas», a Heloísa Clara. Nenhum grande diário proferiu uma palavra; ninguém soube de nada, nem os seus companheiros de viagem...

A sua chegada, não houve apertos, não houve entusiasmos loucos, não houve gritos, não houve palmas. Esperavam-na unicamente sua família, o Fernando e eu—e eu como velho amigo e não como jornalista. Foi uma recepção simples—e por isso mesmo mais carinhosa—perante a indiferença das gentes apressadas que sarandavam na gare.

Este facto nada tem de excepcional nem de importante, mas revela uma coisa: a pequenez e a desorganização do nosso cinema, a falta total duma inteligente publicidade a escudar as nossas modestas «stars» e o desinteresse das massas cinéfilas pelas artistas da nossa terra, o que as torna consequentemente impopulares.

A falta de filmes nacionais que mostrem ao nosso público as nossas estrelas—e sobretudo a falta de bons filmes que levem esse público a preferir as nossas produções às produções correntes que nos vêm do estrangeiro; o estado de desmembramento do meio onde vegeta o nosso cinema—pequena Babel onde ninguém se entende e todos querem mandar—e a falta duma publicidade organizada e inteligente, é a causa dessa impopularidade. Falta de popularidade e desinteresse. Senão vejamos: o Alegria, o Timpanas que todos nós aplaudimos em *A Severa*, esteve ha dias no Porto. Andou aí pelas ruas da cidade, passou deante do vosso nariz uma duzia de vezes. Quem deu por isso? Houve a quem que se desloccasse para o vêr passar?

Quando cá esteve a Rosa Maria e a Saur Ben-Hafid ninguém notou a sua chegada. Quem foi que as descobriu? Dois, três ou quatro cinéfilos se tanto. Pela nossa revista Vocês souberam da sua estada nesta cidade. E houve algum admirador que lhes mandasse um telegrama, um postal, uma flôr? Creio que não houve um único.

E a Dina Tereza tambem cá esteve. Quem foi que a procurou vêr?

Pobres estrelas portuguesas! Passam desapercibidas nos comboios, nas praias, nos cinemas, na rua. Só lá de quando em quando é que algum cinéfilo mais arguto, mais fisionomista, descobre a Heloísa, a Saur, a Rosa Maria. E se algumas das pessoas com quem elas cruzam as reconhecem, olham-nas com curiosidade, são capazes de se voltarem para trás, talvez tenham uma exclamação, uma frase, um sorriso... mas mais nada...

A popularidade tambem não se ganha só com um ou vários trabalhos felizes num ou vários filmes. Ganha-se em grande parte à custa de muita publicidade. E as nossas estrelas não tem publicidade, não fazem publicidade.

Olhem o que fazem os americanos, Quando lançam uma artista, contam muito menos com o talento dela do que com a habilidade dos seus agentes de publicidade.

Salvo algumas excepções, é raro que os nossos produtores se encomodem a chamar desde o começo da realização dum filme, a atenção do público para os seus interpretes. Ou se o fazem, não o fazem duma maneira bastante eficaz, nem duma maneira contínua e inteligente.

Em Portugal, ninguém sabe o que fazem as nossas estrelas, ninguém sabe onde param, por onde andam ou com quem andam. Ninguém sabe para onde vão passar as férias, nem quando vão, nem quando voltam. E, todavia, daqui seguimos sem o menor esforço todas as passadas dos artistas americanos, conhecemos-lhes os gostos e as preferencias, sabemos que sport praticam, sabemos aonde vão passar o verão, sabemos qual foi o seu último «flirt», a sua última excentricidade, o seu último escândalo. Sabemos tudo. Toda a gente o sabe. Só em Portugal, de gente nossa, ninguém sabe coisa alguma.

Tudo isto me faz pena, sinceramente! Como eu gostaria que assim não fosse!

Se o nosso cinema estivesse largamente desenvolvido; se as nossas «estrelas» nos aparecessem continuamente nos écrans e por todos fossem conhecidas e adoradas como semi-deusas; se a imprensa diária lhes seguisse as mínimas pisadas como faz com um Chaplin, uma Brigitte Helm,

(Conclui na última página).

O grande X actual

A grave crise económica que vem assolando o mundo, neste segundo quartel do século XX, manifestada por uma falência do capitalismo, a qual arrasta consigo a falência mercantil e industrial, e o resultado duma super-produção tam grande e crescente como angustiante, também á indústria cinematográfica, quer produtiva, quer exhibidora ou exploradora, tem trazido inconvenientes dum tal calibre, que é muito difficil, sob qualquer ponto de vista, dizer qual o caminho que seguirá o cinema, qual a sorte que lhe está reservada dentro do mundo comercial de que faz parte.

E' de todos conhecida a falta de numerário que hoje avassala os centros comerciais e industriais, falta que se faz sentir duma maneira nítida e violenta, numa restrição económica das famílias, cerceando os seus gastos e começando a tentativa do equilibrio do orçamento doméstico, pelo corte radical das diversões.

São, por isso, o fiel da balança económica dum país, as casas de espectáculos analisadas sob o ponto de vista da sua frequência.

Contrariamente ao desenrolar desta luta por famílias, o agravamento crescente do preço de entradas para casas de espectáculos, acto evidentemente necessário, porquanto as exigências de impostos e a fuga dos públicos obrigaa, como dizer, uma desfórta no custo dos bilhetes daquêles que ainda se podem dar à veleidade de frequentar espectáculos.

A falência do capitalismo, iniciada já há anos no país dos dólares, valor monetário que se viu dum instante para o outro tornado de ídolo em escravo duns milhões de desempregados e travando abruptamente a loucura da produção em série e da máquina mais perfeita e cada vez requisitando menos o homem, trouxe para o cinema, como aliás para toda a actividade industrial, um rebaixamento da qualidade da mercadoria, pela necessidade de vender mais barato, ou então, em caso de concorrência, levou-a a uma qualidade que tornou fraudulento o negócio, mas garantiu o mercado.

Quem analise cuidadosamente o estado da produção americana no quinquénio 1924-29, achá-la-á numa pujança que decresce muito rápidamentee, com sucessivas derrocadas financeiras, como a da Fox motivada por um pânico na bolsa de New-York, ou então na formação de sucessivas coligações cinematográficas: Paramount-Ufa-Metro.

A produção americana dos últimos anos e principalmente da última época, não aguentou as necessidades dos mercados, que foram revitalizar, por exigências de produção, os mercados moribundos, cinematográficamente, como o francês; o negócio «tour-de-force» que foi o rápido desenvolvimento do sonoro não correspondeu á expectativa ianqui, que não logrou

atraír aos seus cofres os milhões que gastava com faustos de rajahs, com opulências, que diziam aos versados em assuntos económicos, que a super abundancia do ouro desvalorisa-o, opulências que se mostravam em honorários colossais cobrados pelas vedetas, enquanto se pagava miseravelmente ao carpinteiro do decor. Daqui a falência, não estrondosa, da cinematografia americana, mas um decrescer successivo do seu valor produtivo e da qualidade da mesma produção.

Se nos perguntassem o que vai ser a proxima época cinematográfica em Portugal, diremos apenas que é um X. Sabemos bem que todos os exhibidores e alugadores, dizem:—temos isto, temos aquilo, temos aqueloutro.

Mas esquecem-se aparentemente da grande voragem da indústria, por assim chamar-lhe, exhibidora, que, como sucedeu já na época finda, enguliu com demasiada rapidês produções que ainda vinham húmidas dos banhos da revelagem, que ainda se conservam nos ecrans dos boulevards e squares, e ainda outras que nem sequer ainda fôram ali vistas. A preocupação constante e justificável da exhibição da época finda de só apresentar nos ecrans super-produções, sem haver o critério de alternar bons programas com maus ou sufríveis, as concorrências injustificadas num periodo difficil, trarão á época 31-32 factos bastante amargos como a consequente baixa de qualidade do material apresentado e a falta de público, que só sacrifica o sangrento orçamento familiar quando lhe apresentam filmes de reconhecido valôr.

Oxalá errêmos as nossas pessimistas, mas quiçá verdadeiras, maneiras de vêr; os optimistas dir-nos-ão meia duzia de nomes de filmes a estrear e esquecerão momentaneamente certas dificuldades futuras. Aguardemos; há todavia um facto sintomático: Noutras épocas, por esta altura do ano, todos sabiam quais as produções com que contava tal e tal casa alugadora, que logo iniciava o seu réclame.

Este ano há um silêncio profundo, e não nos venham com a cantata «que é para fazer surpresas», mas o caso é que não há filmes em condições para todos e os que há são muitíssimos caros e todos tem medo de se arriscarem em negócios duvidosos, pois receiam que os exhibidores não paguem as elevadas percentagens exigidas.

Ora aqui é que está o *busilis*, porque os exhibidores simultaneamente se queixarão que não há público para tudo isto, produto duma situação económica difficil em todo o mundo, que os mais atilados economistas e estatísticos não podem, nem sabem resolver porque é das mais complicadas e de aspectos novos, que resa a história.

Sócrates.

FOTOGRAFIA GUEDES

• MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350



FRANK ALBERTSON, o galã da nova produção da «Fox», «The Fatal Wedding».

A Arte de ser Cinéfilo



NANCY CARROL, é hoje uma das mais consagradas artistas da Paramount

Principiamos por chamar «Arte» á virtude de ser cinéfilo, que, embora não seja duma intransponível dificuldade, não é também, todavia, da mesma irrisória facilidade como certos sujeitos parecem considerá-la.

A palavra «cinéfilo», formada pela raiz «cine» (Cinema) e pelo sufixo «filo» (amigo), significa pois amigo do Cinema, amador cinematográfico, admirador de tudo o que lhe diga respeito, e não estupidez, imbecilidade ou parvoíce, coisas que neste século da velocidade, dos automóveis, da telefonia, da vertigem e da morte, formam um bloco quási indestrutível.

Não pensem, porém, que nos vamos agora arvorar em mestres do procedimento para ser um bom cinéfilo, nem, tampouco, temos tal veleidade. Simplesmente nos encrespamos todos quando às soirées da moda—irritante galicismo!—vemos uma legião de senhores escorregarem, como um pudim de geleia, para os cinemas, de faces rosadas e podarrozadas, chapéuzinho enformado de fresco, à láia de arco da ponte, casaco pela cintura, que nos faz evocar a arte de Marialva, enfim um conjunto que, pela sua evidente analogia, mais parece uma dessas estampas reclamativas às farinhas lácteas.

De ser cinéfilo, compreende-se, na acepção lata e verdadeira da palavra, um indivíduo metódico que assiste impreterivelmente à exibição de todos os programas em quaisquer cinemas, atraído pelo desejo constante de alimentar a sua sensibilidade artística, e não somente quando o mesmo está aborrecido e, querendo-se divertir, vai ao cinema X, porque de antemão sabe que determinada sobrinha das Sousas vai para a cadeira 2, da fila M.

Um verdadeiro cinéfilo, sem se preocupar com as condições atmosféricas, depois de jantar, acorre apressadamente a certa sala de quarta classe nos arredores da cidade, porque teve conhecimento de que uma obra-prima, que uma fatalidade lhe impediu de ver, se vai exhibir uma única vez. Um cinéfilo que se preze lamenta o mau e elogia o bom, aguardando sempre o melhor; tem que ter umas leves noções da História da Arte Cinematográfica; deve lêr atentamente

todas as obras de Weinstein, Moussinac, Marchand, Charenzol e tantos outros autores; deve seguir todo o movimento cinematográfico mundial, alegrando-se com os grandes acontecimentos, entristecendo-se com os fracós, todos lhe ficando gravados na memória sem o mínimo esforço mental. Cinéfilo, é o que se convence de que, sem o Cinema, ser-lhe-ia impossível a vida.

Cinéfilo é o que, sem se importar dos ignorantes que lhe ladram, caminha, caminha sempre, sonhando com a arte que êle tanto ama...

Cinéfilo é aquêlê que vê no cinema, menos um mero divertimento do que um grande educador, um poderoso elemento de cultura social e artística e uma deliciosa ivasão para o sonho, para o irreal.

E' claro que tudo isto é um *bocadinho* caro... talvez uns dois mil escudos por ano; mas que importa?—se vocês, sem darem por isso, gastam o dobro no «foot-ball» ou em qualquer outro jôgo?

Aquêles a que nos referimos na abertura do presente artigo, são dos que só se preocupam com o vestuário, deixando, em compensação, a civilidade para segundo plano; colecionam programas dos cinemas—embora lá não vão—e deleitam-se a lêr os últimos escândalos e a decorar os dias em que as ingénuas fazem anos; só lêem revistas quando vão ao cinema para o qual aquelas dão bonus; sabem quais são as estrelas que têm mau hálito e o nome do melro que possuem no seu *dining-room* numa gaiola, quem entra, á direita; nos cafés, ás vezes discutem se foi Greta Garbo a intérprete de «A Morte Casada», ripostando outros que o protagonista de «A Quimera do Ouro» era o Abel Gance (!!!), etc.

Ora isso, permitam-nos que lhes digamos, isso, não é nada... para lhe não chamar qualquer outra coisa.

Camilo de Vasconcelos.

Visado pela Comissão de
Censura

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA

EM TODO O MUNDO

O conhecido realizador americano Cecil B. de Mille, encontra-se presentemente em Berlim, tencionando dentro em breve partir para a Russia.

—«Hippolyte», é o titulo de um novo filme que está sendo realizado em Budapest tendo o mesmo duas versões: uma alemã e outra hungara.

—King Vidor, terminou a filmagem de «Street Scene». Sylvia Sydney, Estelle Taylor e William Collier Junior, são os protagonistas.

—Em Joinville, Maurice Tourner, está realizando o fonofilm «Em nome da lei!...» Esta produção é interpretada por: Marcelle Chantal, Charles Vanel, Gabriel Gabrio, Jean Dax, etc.

—Estreiou-se a semana passada em Biarritz o filme «Luzes da Cidade». Charlie Chaplin assistiu á primeira exhibição sendo muito felicitado

—Jacques Feyder, realizador francês que ha muito trabalhava na America do Norte, regressou ha dias a Paris tendo sido contratado pela «Pathé Natan» para dirigir um filme que se intitulará «1940» Françoise Rosay será a intérprete.

—Nos studios «Pathé-Natan», Joe May, começou a filmagem dos interiores de «Chemin du Bonheur». Este fonofilm terá duas versões. Versão francesa é interpretada por Annabella, Jean Murat e José Noguero e versão alemã com Romanowsky, Maggy Schneider, Jack Trevor e Ernest Verebes. Os exteriores desta produção são filmados em Aix-les-Bains e Nice.

—Clarence Brown, vai realizar o filme «A Miragem», Joan Crawford é a protagonista.

—Dirigido por King Vidor, Wallace Beery trabalha na produção intitulada «O Campeão».

—René Clair continua a filmagem de «Viva a Liberdade». Os principaes papeis são desempenhados por Rolla

France, Paul Olivier, Jacques Shelly e André Michand.

—Jacques Tourner, terminou as ultimas cenas do seu primeiro filme, «Vieux Garçon», estando presentemente a proceder á montagem do mesmo.

—O governo francês, condecorou o cinematografista Marcel Vandal com a Legião de Honra.

—Em Los Angeles, organizou-se uma nova empresa productora de filmes a qual usará o nome de «Triumphant C.»

Alberto Valentino, irmão do falecido Rudolfo Valentino, será um dos encenadores dessa casa.

UM BELO RECINTO

Parque do Pôrto na Areosa (Circunvalação)

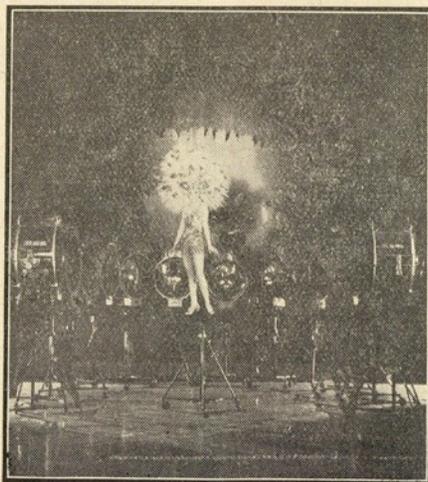
Inaugurou-se ha dias, na Areosa, estrada da Circunvalação, o magnifico Parque do Porto, casa de espectaculos moderna e cómoda, onde tem passado já, em réprise, alguns dos melhores filmes mudos.

No penúltimo domingo, registando uma grande enchente, exhibiu-se o filme «Os Servos», produção muito discutida, que de todos mereceu os maiores aplausos.

Uma orquestra bem dirigida faz adaptações musicais, o que torna as sessões mais agradaveis e mais apreciadas.

A Empresa do «Parque do Porto», á frente da qual se encontra o espirito empreendedor do nosso amigo sr. Julio Braga, tenciona fazer passar no «écran» do seu cinema as mais interessantes e famosas produções da Arte do Silêncio, para o que já fez vários contratos com as mais importantes casas alugadoras.

A máquina de projecção, uma Pathé de construção recentissima, é magnifica de nitidez e rigôr. É um dos valores desta casa de espectáculos. Ao Parque do Pôrto, que possui lindos jardins bem tratados, está guardado um futuro próspero.



ALICE WHITE mostra-nos que os estúdios, quando não são um mar de rosas, são sempre — e com certeza — um mar de projectores...

Noticias de Inglaterra

(Informações fornecidas pela B. I. P.)

Miss Mary Field vai realizar um filme entitulado *The Mystery of Marriage* que promete ser coroado dum ruidoso sucesso.

Esta pelicula, que terá um grande valor educativo, apresentará a evolução do amor, do namoro, do casamento e do parentesco entre as criaturas. Simultaneamente será feita a comparação com insectos, passaros e outros animais. A creadora deste filme, Miss Field, é uma das duas únicas representantes do sexo-fraco na cinematografia britânica.

* * *

Quando todos se lamentam por este verão ser demasiado chuvoso, Norman Lee, que está realizando *Four Winds*, é certamente a única pessoa que em Inglaterra reclama chuva... para o seu filme. O mal de uns é o bem dos outros...

* * *

Val Valentine está dirigindo *The Red Dogs* nos Welwyn Studios. Os principais papeis estão a cargo de Betty Amann, Amy Veness, Joy Laurier e Kenneth Kove.

O cenário é da autoria do próprio realizador.

* * *

Henry Kendall recomeçou a filmar *Rich and Strange* sob a direcção de Alfred Hitchcock. Os trabalhos tinham sido paralisados em virtude de aquele actor ter adoecido gravemente.

* * *

Sydney Northcote vai realizar *The Verdict of the Sea*, que promete ser um filme muito interessante. Um grande barco de carga, o «Capri», acaba de ser fretado e nele se instalará o estado-maior das operações de filmagem. Ainda não foram escolhidos os interpretes.

* * *

Está quasi terminada a montagem do filme *Hobson's Choice*, que deve ser apresentado a público muito em breve.

* * *

Depois dos filmes nacionais *Love Lies* e *The Flying Fool* o «London Pavilion» vai apresentar *She Shadow Between* que Norman Walter realizou para a «British».

* * *

O filme *The Lovelorn Lady*, que Milton Rosmer está dirigindo, passará a ter por título: *The Perfect Lady*. Esta pelicula vai ser apresentada ainda este mês.

* * *

Esteve visitando os studios de Elstree, o conhecido aviador J. Mallison que fez recentemente a travessia Australia-Inglaterra em oito idas e meio.

Carta da Alemanha

A estação de Verão está terminando. Nos studios de Berlim trabalha-se com grande actividade. Novas e interessantes produções estão sendo constantemente lançadas ao mercado. Talvez devido á chuva, que cai quasi sem interrupção há duas semanas, os cinemas tem tido uma enorme afluência.

Dentro os melhores filmes salientarei:

Nunca mais amor com Lilian Harvey, Harry Liedtke, Felix Bressart e Margo Lion. Este filme, que Anatol Litwack dirigiu com segurança apresenta fragmentos muito interessantes como o baile dos marinheiros—o que nos revela um meio social—algumas passagens em Nice e a bordo dum iate e uma corrida de automoveis emocionante. Margo Lion, que interpreta o papel duma cantora de cabaret, representa com um realismo comovente e trágico. E' uma grande artista. Quanto a Lilian Harvey, Harry Liedtke e Feliz Bressart, estão-se repetindo, o que é perigoso porque pódem enfastiar o público.

* * *

«M» de Fritz Lang é uma obra profundamente emocionante. Nós sômos conduzidos através o mundo dos vagabundos e dos foradalei, assistindo a arriscadas proezas de ratoneiros e de patifes de tôdas as espécies. No comêço há algumas cenas cómicas, mas todo o resto do filme mantém o público na maior expectativa. A *mise-en scène* é simplesmente magistral. Fotografia, anglos de filmagem, movimentações de camaras e tomadas de som excelentes. Fritz Lang prova com «M» que a técnica dos fonofilmes é regida pelas mesmas leis que comandavam a montagem, a estrutura e o ritmo dos filmes silenciosos. A interpretação é muito feliz, sobretudo no que diz respeito a Peter Love, o assassino, que se tornará sem dúvida um dos melhores actores dramáticos alemães.

Noutros papeis saliente Fritz Gnass, um magnífico tipo de ratoneiro, Ernst Stal-Nachbaur, um orgulhoso chefe de policia, Otto Wernicke e Theodor Loos.

* * *

O grande artista teatral cinematográfico Werner Krauss vai debutar no fonocinema com o filme *Jorck*, produção de E. H. Correl.

* * *

Kurt Gerron começou a filmagem de *Minha mulher, aventureira*, para a Ufa. Os principais papeis estão a cargo da graciosa Kathe von Nagy e de Heintz Ruhman.

* * *

O conhecido encenador E. A. Dupont apresentou-nos um novo filme: *Salto Mortal* com Anna Sten, Curt Gerron e Otto Wallburg nos principais papeis.

O filme foca mais uma vez a vida dum circo. Todavia a realização de E. A. Dupont foi feliz. Boa fotografia, algumas filmagens interessantes e interpretação muito homogênea e cuidada.

(Conclui na última página)

Os Camarins das Estrelas Cinematográficas

Ha dias estivemos nos studios da Metro-Goldwyn-Mayer, visitando alguns dos camarins das artistas daquela casa produtora.

Principiamos a nossa visita pelo camarim da famosa Greta Garbo e vimos a magnificencia que circunda esta admiravel estrela sueca.

A nossa primeira impressao do camarim de miss Garbo nao e de esplendor, mas sim de uma riqueza sobria e simples. E' composto de tres divisoes: uma saleta, o quarto de vestir e o de maquillage.

As paredes da sala sao forradas de brocado de ouro. As cortinas e reposteiros sao de damasco azul safira, e o mobiliario consiste de um divan, duas cadeiras, uma escrevaninha e uma estante de livros ricamente esculpida. O unico objecto de adorno que se ve e um lindo espelho de tres faces, que abre e fecha do mesmo modo que uma porta francesa.

O quarto de maquilage e tambem todo forrado de brocado de ouro e o madeiramento e de marfim. Incrustada na parede esta uma mesa de *toilette* com todos os accessorios modernos. O gosto de Greta pelos artigos de *toilette* limita-se a alguns objectos esculpidos em marmore.

As paredes do quarto de vestir sao forradas de veludo verde escuro com flores e as cadeiras sao forradas de veludo purpura. Num dos lados da parede esta um enorme guarda-roupa incrustado na parede, onde estao guardados os inumeros vestidos da estrela sueca e ao lado deste esta o quarto de banho que completa a confortavel instalacao. Nao se vem fotografias nem qualquer outro objecto pessoal que revelem a misteriosa Garbo.

Algumas portas mais adiante, esta situado o camarim da vivaz Joan Crawford, onde ela faz a sua maquilage, toma as suas licoes de frances, canto, bailado e recebe os seus amigos.

O quarto de maquilage e claro e alegre na sua branca simples. Ha duzias e duzias de armarios onde sao guardadas as elegantes e ricas *toilettes* de Joan. Num canto esta um armario menor construido na parede com portas de vidro decoradas com desenhos originaes, sendo este o

logar onde ela guarda a sua quantidade de sapatos. O quarto de banho e pintado com desenhos modernos em mosaico e as cortinas sao de organdi branco.

Na sala de visitas de miss Crawford triunfa a sua cor favorita que e o azul, com enfeites de setim branco. Ve-se um divan de setim azul com almofadas em varios formatos, algumas em setim branco e outras de renda. Gravuras antigas adornam as paredes e lindos passaros e *bouquets* de contas de cristal aparecem de um lado e do outro cobertos de vidros. Num dos cantos da sala ve-se um bibelot cheio de objectos de todas as partes do mundo.

A sala de musica e uma criacao original. As paredes estao cobertas de papeis floridos de cores alegres. Algumas cadeiras de estilo colonial estao espalhadas por todos os lados e num canto ve-se um pequeno piano branco com candelabros de metal latonado.

O *boudoir* e exactamente o que qualquer pessoa esperaria encontrar no camarim de Joan. E' alegre e original, sem ser bizarro, possuindo aquele encanto que domina a personalidade de Joan Crawford.

O camarim de Norma Shearer e de um raro encanto e simplicidade. Esta muito bem mobilado mas com simplicidade, com uma combinacao de cores harmoniosas.

O seu camarim e composto de duas divisoes: uma sala pequena e um quarto de maquilage com todas as comodidades necessarias. Ambas sao decoradas em lilaz e verde claro, com cadeiras baixas e confortaveis e mesinhas ao alcance da mao. Uma elegante mesa de *toilette*, com espelhos brilhantemente iluminados, ocupa um dos cantos da sala. A peca do mobiliario que atrai a vista e um divan de tecido assetinado, de algodao de cor lilaz, onde se vem almofadas de linho em harmoniosos tons a pastel que fo mam um contraste original. Alguns quadros raros estao suspensos na parede e alguns livros e deslumbrantes objectos de arte completam a decoracao.

Miss Shearer ainda ocupa o seu antigo e original camarim, de acordo com a velha supersticao



NORMA SHEARER no seu camarim procedendo à maquilage.

dos studios, de que é mau agouro abandonar o velho camarim por um outro novo.

Marion Davies é proprietária de um bungalow-camarim que foi construído nos terrenos dos studios da «Metro». É uma construção de dois andares, grande e espaçosa, de estilo italiano, com portas antigas e janelas de vidros pintados, decorado com candelabros e moveis raros e antigos trazidos dum velho castelo europeu.

Uma das coisas que mais chama a atenção na espaçosa sala de visitas que ocupa todo o andar terreo, é uma grande lareira, na qual várias pessoas podem ficar confortavelmente de pé. No andar superior estão o seu gabinete particular, a sala de maquilage e um confortável quarto de banho com soalho e paredes de mosaico verde.

Vêm-se pelas paredes muitas fotografias de pessoas ilustres do mundo inteiro e livros raros nas prateleiras. Destacam-se entre as decorações das paredes belas lampadas do cristal esculpido.

As janelas desta casa são rodeadas por lindas trepadeiras, e neste encantador ambiente, Marion Davies, assa muitas horas felizes durante os intervalos, quando está a trabalhar em algum filme. Esta espaçosa instalação permite-lhe receber visitas de personagens importantes que vão apresentar os seus respeitos a esta famosa estrela, quando estão de visita aos studios de Hollywood.

Charlotte Greenwood, a famosa comica, tem talvez, um dos mais artisticos e modernos camarins. O seu camarim consta de duas peças cheias de prateleiras e armarios feitos nas paredes, tudo o que se possa imaginar em comodidade. A combinação de côres é de verde claro e prata. Lampadas de cristal opaco dão uma luz suave. Ha duzias e duzias de objectos de arte do mesmo estilo. Os reposteiros são de moiré côr de amora e contrastam com a tapeçaria verde e prata do divan.

Charlotte Greenwood é uma pessoa que se entrega de corpo e alma ao seu trabalho, sem permitir que o ambiente da elegancia incite a preguiça.



GRETA GARBO a artista que possui um riquissimo camarim.

Helen Hayes, a estrela dos teatros de Broadway, tambem mobiliou o seu camarim com tudo o que ha de mais moderno.

Os seus aposentos são decorados em todos os tons de verde, desde o mais claro até ao azeitonado forte.

Os tapetes e as demais tapeçarias são de desenhos dos mais modernos em côres bege e verde.

A propria miss Hayes desenhou a sua mesa de *toilette* e varias prateleiras que podem ser dobradas quando não são necessárias, apresentando um aspecto de ordem e limpeza extraordinárias.

Num minuto pôde-se arrumar este aposento como ninguém o tivesse ocupado.

O camarim de Polly Moran é simples, constando de três quartos mobilados com moveis bons e sólidos.

A tapeçaria é de cretone branco

e verde claro. Polly não é partidária de fotografias nem de objectos desnecessários de interesse pessoal. A única coisa que revela a verdadeira Polly é a quantidade de cartões afetuosos de felicitações pelo seu aniversário, que se vêm nos cantos do seu espelho.

Quando o trabalho do dia está acabado, os suntuosos camarins ficam desertos—as caixas da maquilage fecham-se e as estrelas apressam-se em ir para as suas casas.

Apezar de tudo, não ha outro lugar como o próprio lar...

ORITA LAGE.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem

: : concorrido : :

346-Ru ade Santa Catarina-350

DA SEARA ALHEIA

De uma serie de entrevistas que vários artistas concederam a jornalistas americanos, recortamos as seguintes passagens:

— Um cigarro, é meio passo andado para um cocktail e um cocktail é mais do que um passo para uma mulher perder o senso das coisas... (Dorothy Mackaill).

— Porque será que uma rapariga como eu que passa a maior parte das noites em casa e não em diversões, sofre tantos ultrages da imprensa? (Clara Bow).

— Aprecio Greta Garbo no cinema. Fóra dele acho-a horrivel! (Fifi Dorsay)

— Sou dessas que não conhecem o que se, ja esbanjar. (Jeanette Mac Donald).

— Tenho vestidos, muitos vestidos. Entretanto não gosto de os vestir. (Lupe Velez).

— Não leio livros, mas gosto muito de ouvir falar neles. (Charles Rogers)

— A minha vida de casada durou uma hora. Isto é... suponho até que foram só 50 minutos.. (Rita La Roy).

— Uma mulher pode amar um, dois ou três homens. (Norma Talmadge).

— Quero conhecer todas as experiencias que a vida possa ensinar a um ente humano. (Lois Moran).

— Já ouviu alguém do cinema conversar qualquer coisa que não se relacione com malícia e sexualismo? (Irene Dunne).

— Jamais me canço de ouvir o marulhar das aguas ou de apreciar o bater das ondas sobre as areias das praias (Neil Hamilton).

— A menos inteligente das costureirinhas, póde tornar-se estrela do cinema, se os productores assim o quizerem. (Charles Bickford).

— Greta Garbo não érra! (Greta Garbo).

— Não sei filosofia. Nem mesmo sei o que isso quiere dizer... (Marie Dressler).

— Quando me beijaram pela primeira vez, pensei que aquilo representava compromisso sério e que eu devia casar com o rapaz que me beijou. (Claudette Colbert).

— Agora, no cinema, é que eu compreendo bem as diferentes fases da vida, os diferentes tipos de seres humanos e, ainda, aprendi melhor a amar tudo isso. (Maurice Chevalier).

— Pouco me importo em ser estrela ou não. O que eu quero são bons filmes. (Alice White).

— Gostaria de me casar e ter filhos, muitos filhos! (Lois Moran).

— Não existe ninguem que se compare a Greta Garbo. (Marlène Dietrich).

— Não acho graça nenhuma ao amor. (Ina Claire).

— Eu amo Ramon Novarro. (Raquel Torres).

— Não sou tão burra tanto quanto o querem as minhas inimigas. (Lily Damita).

— Deante do público, nas reuniões, sou uma dama. Na minha casa sou o diabo em pessoa! (Lupe Velez).



A Clarinha está amuada... Serão saudades dos estúdios?

— Os homens não valem nada, mas as mulheres não passam sem eles...

Heloisa Clara esteve no Porto

Na sexta-feira da semana passada esteve no Porto Heloisa Clara, tendo-nos dado o prazer de algumas horas na sua companhia. No sabado seguiu para Lamego, onde vai passar as suas férias habituais e convalescer da grave doença que a teve longo tempo prostrada. De regresso a Lisboa, Heloisa Clara deve começar imediatamente a trabalhar no filme de Brun do Canto, *Paisagem*, do qual é a protagonista.

NA CAPA

A última fotografia de Fay Wray. Quando Artur Coelho nos mandou esta foto, escreveu no verso:— Vocês ainda não viram como Fay Wray esta bonita—depois que casou! E como trabalha bem!...»

“Invicta Cine” é a revista cinematográfica de maior expansão no Norte do País

Na próxima semana no
Águia d'Ouro, exhibe-se:

RIO RITA

Cine-opereta com Bebe Daniels,
John Boles, Don Alvarado etc.

A R G U M E N T O :

Havia anos que na região do Rio Grande, que separa os Estados Unidos do México, o assunto das conversas eram as façanhas dum bandido misterioso que punha em sobressalto permanente as povoações. Chamavam-lhe o *Kinkajú*, mas ninguém o conhecia nem poderia afirmar se era novo ou velho, trigueiro ou loiro, homem de boa presença ou cara de pobre diabo.

A milícia de Texas unira os seus esforços aos da policia mexicana e numerosos voluntários se haviam juntado aos agentes da ordem numa caça apaixonante. E um dos mais afervorados em descobrir-lhe os vestígios era o general Ravanoff, proprietário da região.

Uma formosa rapariga, Rita Ferguson, a quem chamavam Rio Rita (Rita, la del Rio), explorava ali também, com seu irmão Roberto, uma grande herdade situada mesmo nas margens do Rio Grande.

Os dois jovens estimavam-se ternamente, e poderiam até ser muito felizes se Roberto, com as suas repetidas ausências e viagens frequentes, não fosse para Rita objecto de constante inquietação.

Sentia que um denso mistério envolvia a existência de seu irmão... O general Ravanoff não deixára de se interessar pelos factos e gestos de Roberto, preocupando-o também as suas inexplicáveis ausências.

Um dia, foi visitar Rita Ferguson, e, sem outro preambulo, declarou-lhe a sua paixão.

—Amo-a há muito,—disse-lhe—; consinta em ser minha esposa; e eu prometo-lhe que serei tolerante com seu irmão, fechando os olhos...

A jovem, assustada com o sentido enigmático daquelas palavras, hesitava na resposta, quando se interpôs na conversa um desconhecido, que apparecera bruscamente. Afastou num rompante o general estupefacto e inclinando-se com graça soberana, apresentou-se:

—Minha senhora, habito do outro lado do rio e peço-lhe que não aceite a proposta do general Ravanoff.

Enquanto êste último se afastava, murmurando palavras de ameaça, os dois jovens tomaram mais amplo conhecimento.

No outro dia, Roberto convidara sua irmã para uma entrevista na Meza Francisca. Era dia de feira, e acudia ali gente de vinte leguas á roda para fazer compras e saber as últimas notícias.



BEBE DANIELS, protagonista de «Rio Rita»

Rita compareceu, mas foi em vão que procurou Roberto. Encontrou em compensação Jim Stewart e deu-lhe parte da sua inquietação. Jim começou logo a procurar o mancebo, mas êste não apparecia em parte nenhuma. A razão era simples. O general Ravanoff fizera-o prender nessa mesma manhã pela sua gente acusando-o de ser o *Kinkajú* e fizera-o transportar ao porão dum navio.

Colhida a primeira vantagem, o general, que desejava obter a mão da bela rapariga, convidou-a para uma grande festa que deu na sua fazenda. Queria deslumbrar a linda mexicana e nada poupou para isso. Foi uma bela festa, com efeito. Rita, sempre inquieta, e lembrando-se de que talvez viesse a saber alguma coisa a respeito de seu irmão, aceitou. Não ligou nenhuma importância ás atenções de Ravanoff e não tardou que, arrebatada nos braços de Jim aos acentos duma valsa envolvente, se esquecesse de tudo que a rodeava.

Ravanoff roía o freio em silencio e meditava uma vingança. Aproximou-se de Rita

—Sabe com quem acaba de valsar?

—É' o meu vizinho Jim Stewart.

—Nada disso. Jim Stewart é o comandante da milícia de Texas e está especialmente encarregado de procurar o *Kinkajú*.

—Não vejo em que me possa isso interessar.

—Mas digo-lhe eu que o *Kinkajú* é nem mais nem menos que seu irmão Roberto e o jovem americano mostra-se tam solícito junto de

(Conclui na ultima página)



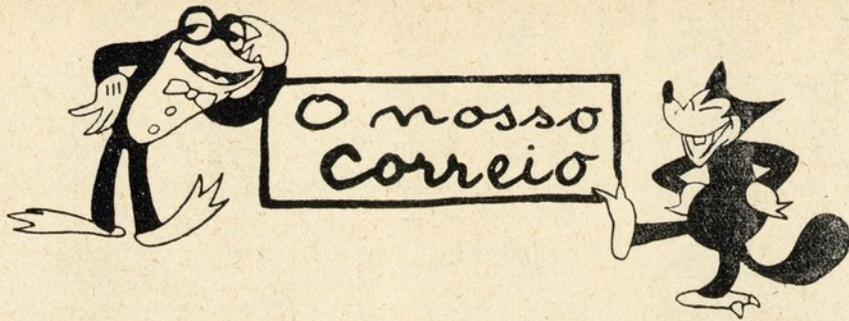
Uma das mais emocionantes cenas do super-fonofilme "A Patrulha da Alvorada" que nos últimos dias da próxima semana se reexibe no Aguiá d'Ouro

(Programa Castelo Lopes).



1930-1935
1935-1940
1940-1945
1945-1950
1950-1955
1955-1960
1960-1965
1965-1970
1970-1975
1975-1980
1980-1985
1985-1990
1990-1995
1995-2000
2000-2005
2005-2010
2010-2015
2015-2020
2020-2025
2025-2030

Flip—Porto— Não senhor, por agora não sei de nada. Deve ser boato falso. Tem-se inventado tanta coisa!... Já vos disse, não sei quantas vezes, que sobre o novo filme de Leitão de Barros não se sabe nada. E o que para aí se diz não passam de suposições ou de coisas mal assentes em palavras proferidas às mesas dos cafés.



Aviador endiabrado—Lisboa— Não me lembro de nenhuma leitora com o pseudónimo que você diz. De quem são aquelas pernas de que o «Socrates» falou? Isso era o que Você queria saber... Mas garanto-lhe que já as viu... e gostou.

Vem cá meu bem—Lisboa Não, não vou. Você tem uma letra e umas maneiras masculinas muito mal disfarçadas. Então o nudismo tem feito largos progressos pelas praias do Sul? Bom é isso. Não sei com que filmes inauguraram a época de inverno, os cinemas de Lisboa. Para qualquer dos interpretes de *A Portuguesa de Nápoles* pode escrever para a Melo Castelo Branco, Rua das Pedras Negras, Lisboa. A Jeanette Mac Donald está, presentemente na Europa. Você não leu o penúltimo número da *Invicta-Cine*? Se leu, leu muito mal.

Melisande—Lisboa— Tem graça que Você pensa exatamente como eu com referência ao artigo «O paraíso dos Burros». Quando o li, apotei logo as inexactidões de que vem suspicado e a maneira errada como o autor nos supõe, ou melhor: como supõe o público cinéfilo português. Mas como era preciso responder imediatamente a «Variety», aquilo safu assim mesmo...

Só num ponto não concordo consigo. Estou a ver que a Melisande é uma grande americanofila. Eu, ao contrario, não o sou, conquanto reconheça o adiantamento tecnico do cinema de alem Atlantico e seja o primeiro a aplaudir com entusiasmo todas as obras primas que de lá nos mandam. Mas por um *A Oeste Nada de Novo*, uma *Multidão*, um *Vidas Tenebrosas*, um *Club 73*, quanta sensaboria, quanta vulgaridade os americanos nos não dão! E' claro que sendo a America o país que mais produz é de lá que vem o maior numero de bons filmes... mas quantas fitinhas sem originalidade, sem elevação, sem interesse temos de suportar, em troca! E' um humorista inglês que diz: «Mas não é o mesmo cenario que serve de ha quinze para cá, em Hollywood?»—e no fundo ele tem razão. E' certo que muitas vezes a Europa não é muito melhor... mas isso não me consola.

O autor do artigo tem uma certa desculpa porque não conhece Portugal. Se ele soubesse o que é o nosso grande público!...

Acredite que tive um grande prazer em ler a sua carta, como as anteriores muito sensata e muito inteligente, e não se admire do interesse que tenho em lê-la. E' que ha muito poucas cinefilas como a Melisande.

Frederico Guilherme Seiz—Espinho—A ideia do Academico é feliz mas acho pouco entusiasmo entre os meus leitores. Já se sabe que quando se trata de dar dinheiro ninguém está em casa. Presentemente tenho o desgosto de lhe dizer que não sei responder às suas perguntas... porque não o quero enganar. Creia-me sempre às suas ordens.

Amo «um academico»—Porto—Muito obrigado pelo postal e pela sua nova carta. Heloisa Clara, depois de *Ver e Amar*, já entrou em *A Portuguesa de Nápoles*, um filme que o Porto ainda não viu, e actualmente faz parte da distribuição de dois filmes em vias de realização: *O Milagre da Rainha* e *Paisagem*. Heloisa Clara não nos autoriza a revelar a sua direcção particular, mas pode escrever-lhe por nosso intermedio se quizer. O A. O. diz que agradece o seu interesse e que terá muito prazer em a conhecer pessoalmente... mas como nós nunca paramos na redacção, não sei como ha de ser. Só Você marcando uma entrevista.—Participarei a «Um Academico» o que deseja. Ainda não gosto do seu pseudónimo, sabe? Porque não arranjo um nome assim como: Mizzi, Kitty Lily ou qualquer outra palavra pequenina e mimosa? Até à semana.

Americo Gomes—Evora— Pode sim senhor. Esteja descansado, não diremos uma palavra. Serrei um verdadeiro poço sem fundo.

Um Academico—Porto— Por uma das respostas anteriores já deve saber que uma das minhas leitoras se interessa

por si. Tenho aqui uma carta para o meu amigo, de «Amo um Academico». Queira enviar-me um selo de \$40 para eu lhe remeter. Essa cinéfila deseja, ainda, corresponder-se consigo.

Como que então Você já começou a praticar «Amokismo» (obrigado pela palavra que inventou), isto é: apañhar sol, tomar banhos de mar, andar sem chapéu e «to keep our sunny side up»? Bravo! Em resposta à sua ideia de dar uma prenda a Leitão de Barros, vejo muito pouco entusiasmo. Até breve!

A Futura Amoka—Estoril—Eu já estava a supor que me tivesse abandonado! Afinal Você é a mais fiel das noivas... O seu novo pseudónimo é engraçado. Vejo com alegria que também aí se vai praticando com entusiasmo o quasi nudismo e que Você não abandona a praia. Faz muito bem. Mas não vá para lá vestida. Dispa-se o mais que puder e depois do banho seque ao sol e faça gymnastica. Adeus noivinha, «y no me olvides».

Um Apaixonado pela Ursa—Porto—A origem do seu pseudónimo é realmente curiosa. Mas que mal lhe fez a pobre da rapariga? Escreva a Lois Moran para o Standard Casting Directory—Mc 616 Taft Building, Hollywood Bvd, Hollywood, U. S. A. Faz muito bem em querer aderir ao nudismo. Entretanto vá-se despindo, na Foz ou em Matozinhos, tanto quanto a policia maritima o permitir. Sempre ao seu dispor.

Apaixonada pela caréca do Amok—Figueiró dos Vinhos—Tanta gente apaixonada, meu Deus, que me escreve esta semana!... Eu tenho a dizer á minha gentil leitora que eu tenho a cabeça coberta com uma formosissima cabeleira natural e que por esta razão Você, quando muito, só se pode apaixonar pela minha futura caréca... Sobre o Ramon e a Conchita não ha nada de novo. Aí vão os titulos de alguns filmes do simpatico moço: *Ben-Hur*, *O Principe Estudante* (The Student Prince) e *O Pagão* (The Pagon). A sua direcção é: Metro Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Calif., U. S. A. Se lhe escrever é conveniente mandar algum dinheiro. Sobre o futuro filme de Leitão de Barros leia o que digo ao sr. Flip. O Roberto Lino já se curou da paixão pela Jeanette. Ele agora prefere as mulheres gordas... Ha gostos para tudo... Espero que volte muito em breve a escrever-me.

Oh Soutinho! Porque não aprecias o eu? — Gaia —O seu pseudónimo fez-me rir a valer, porque estava longe de o esperar. Mas é grande de mais e para outra vez a minha amiga vai arranjar outro mais pequenino. Fica entendido? A sua carta vem datada de Gaia, mas eu ia jurar que Você é de Figueiró dos Vinhos e que foi aí, na ambulancia, que Você a deitou ao correio. Enganei-me?—A protagonista de *Aurora* é a Janet Gaynor. A direcção de William Haines é: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Calif., U. S. A. Sempre às ordens de Vossa alteza.

Dactilografa apologista do nú—Porto—Gosto disso, sim senhora. Venha daí um abraço. Eis as direcções que pede: Neil Hamilton: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, U. S. A.; Lilian Bond: Warners-First National Studios, Burbank, U. S. A.; Paul Lukas: Paramount Publix Studios, Hollywood, U. S. A. Está satisfeita?

Amok.

Lede e propagai

«Invicta Cine»

RIO RITA

(Conclusão)

si, porque tem necessidade de colher informações. ¿Compreende?

Aterrada, Rita recusou-se a acreditar em semelhante acusação.

Ravanoff, que estava resolvido a precipitar as coisas, veio depois procurar Rita e disse-lhe:

Sei onde está Roberto e prometo-lhe protegê-lo se me aceitar por esposo e fixarmos definitivamente a data do casamento.

Rita, persuadida de que fôra objecto dum ludíbrio por parte de Jim e desejando salvar Roberto, que julgava ser o *Kinkajú*, deu o seu consentimento.

Ravanoff exultava. Deu ordens para que preparassem tudo no seu barco, afim de se realizar um casamento sumptuoso.

E na data fixada Rita vestia, com o coração torturado, a branca *toilette* das noivas.

Entretanto, Jim Stewart, que prosseguia sempre na sua missão, conseguiu introduzir-se no barco onde se devia realizar a cerimonia. Encontrou Rita só. Esta, ao vê-lo, teve um movimento de surpresa.

Nem palavra,—disse Jim—. Estou aqui para a salvar Roberto não é um bandido.

... Confie em mim, a sua captura está iminente. ¡Até logo!

Depois de dizer estas palavras, Jim, com destreza, saltou a pavezada do navio e desapareceu.

Entretanto, Roberto, ficára prisioneiro de Ravanoff, e, no momento em que ia ser fusilado, um destacamento de milicianos, comandado por Jim, invadia o navio.

—General, considere-se preso,—exclamou Jim, lançando a mão á gola de Ravanoff.

Dois milicianos agarraram-no.

Ravanoff compreendeu que tinha perdido a partida. Viu-se então avançar Roberto para o americano e exclamar:

—Perdão, meu comandante, reclamo o prisioneiro para o nosso país... E tenho alguns direitos, porque tomei consigo parte nas pesquisas.

Tudo se aclarava agora para Rita e compreendia a razão das longas ausencias de Roberto. Fazia parte da policia secreta do México. e unira os seus esforços aos de Jim, afim de capturarem o bandido.

Para concluir, Jim Stewart exclamou, sorrindo:

—Abandono-lhe o prisioneiro, meu caro Roberto, mas, em compensação, peço-lhe sua irmã Rita.

E a donzela entregou-se com prazer nas mãos do jovem comandante, que desposou pouco tempo depois.

As nossas artistas não são populares

(Conclusão)

um Chevalier ou uma Mac Donald, os jornais da semana passada teriam anunciado, então, em letras gordas, a vinda ao Porto duma jovem artista cinematográfica.

Nesse dia, à hora da chegada do comboio, a estação de Campanhã trasbordaria de gente; encher-se-iam os seus cais de jornalistas, de fotografos, de simples curiosos e duma turba juvenil e tumultuosa de cinéfilos, com *kodaks*, com flores ou com fotos e carnets prontos a receber autografos. Haveria gritos de entusiasmo, empurrões, atropêlcs. No desejo de vêr de perto o seu ídolo, a turba cinéfila agitar-se-ia como mar revolto. Cada qual amachucaria o chapéu e pisaria desapidadamente os calos dos vizinhos mais proximos. Aproveitando a confusão, ageis ratoneiros, possivelmente tambem cinéfilos, sorripiariam carteiras e relógios. Algumas senhoras, apertadas por todos os lados, cairiam com desmaios soltando gritinhos histericos. Quebrar-se-iam vidros, derrubar-se-iam crianças, trocar-se-iam sopapos e desrespeitar-se-iam os bigodes da autoridade... Como seria movimentada e ruidosa uma recepção assim! ..

Mas isso era se as nossas artistas fossem bem conhecidas, se as nossas artistas fossem populares, se as nossas artistas fossem escoltadas por uma habil e sábia publicidade.

E as nossas artistas, infelizmente, não são nenhuma dessas coisas...

A. C.

Carta da Alemanha

(Conclusão)

A versão alemã de *A Prima de Varsovia*, um filme assaz medíocre, passa agora na Alemanha. A realização é de Carl Boese. Interpretam o filme Liane Haid, que continúa a receber os favores do público, Fritz Schulz, hoje um dos melhores artistas cómicos alemães, Tala Birell e Szoke Szakall.

—E' triste ver nesta época, as casas produtoras de filmes dispendem sômas enormes com películas sem nenhum valor artístico. E, todavia, se quisessem, poderiam mostrar-nos mais alguma coisa do que cênas de amor e cantorias que muitas vezes não são senão o pretexto para salientar determinada vedêta que todos disputam á fôrça de ouro... e que artisticamente, ás vezes, pouco vale...

—Está em Berlim o grande realizador americano Cecil B. de Mille que deve dentro em breve partirá para a Rússia.

—Pabst prossegue activamente com a realização do seu filme: *A Tragédia da Mina* que está despertando um vivo interesse nos núcleos cinéfilos alemães.

—Anuncia-se para breve a apresentação dum grande documentário sôbre o Congo, *Ingagi*.

Simon Haimovici

(red. de Invicta -Cine na Alemanha)

AGUIA D'OURO

Exibe na próxima se-
mana os sensacionais
fonofilmes

RIORITA

Super produção dialogada em
espanhol com canções em in-
glês. Magnífico desempenho de
Bebe Daniels e John Boles

e

o grande poema épico da
aviação

A Patrulha da Alvorada

com os consagrados artistas
Richard Barthelmess, Douglas
Fairbanks Junior, Neil Hamil-
ton e Clyde Cook

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

Apresenta novamente ao
publico do Porto a en-
graçadissima comédia que
maior sucesso obteve
últimamente

O Rei dos Borlistas

Super produção da "Pathé
Natan" dirigida por
Piére Colombier e
interpretada por GEORGES
MILTON, Helena Perdiéres
Helena Robert e Mady Berry

H O J E
E
AMANHÃ
NO

OLYMPIA